



Redacção e Administração:
Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
Año, 25\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Año, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Año, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Año, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

Composição e Impressão: Companhia Editora do Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 21 DE MAIO DE 1966

VISADO PELA CENSURA

ONDE ESTÁ, Ó MORTE, A TUA VITÓRIA?

Eu, Horácio Barroso Baptista, casado, proprietário, morador na rua Filipe Folque n.º 20, 2.º andar, de Lisboa, no uso pleno das minhas faculdades e livre de toda e qualquer coação, declaro que faço o meu testamento e disposição de última vontade do modo seguinte:

Declaro que sou casado com Elza de Sousa Aguiar Barroso Baptista, segundo o regimen de separação de bens e comunhão nos adquiridos por título oneroso, conforme consta da escritura ante-nupcial de 24 de Novembro de 1923, lavrada no cartório do então notário do Porto, Borges de Avelar; não tenho descendentes e tenho ainda viva minha mãe D. Elvira Gomes Barroso Baptista. Deixo a minha dita mulher, D. Elza de Sousa Aguiar Barroso Baptista, a plena propriedade de todos os bens mobiliários de que eu possa dispor livremente à hora da minha morte; e à mesma deixo o usufruto vitalício de todos os bens imobiliários de que possa dispor livremente.

A propriedade desses bens imobiliários ficará pertencendo à Misericórdia de Barcelos, devendo o rendimento dos mesmos quando a Misericórdia os venha a receber, ser aplicados especialmente ao melhoramento do Asilo ou Asilos a cargo da mesma Misericórdia.

Nomeio minha testamenteira a minha dita mulher D. Elza de Sousa Aguiar Barroso Baptista.

Lisboa, 6 de Julho de 1932.

Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

(Continuação do número anterior)

O espaço económico português encontra-se entre os dois grupos, numa situação de equilíbrio instável.

Se queremos passar para o nível dos países subdesenvolvidos, é fácil. Temos qualquer coisa em nós que pode ajudar: recordo dois períodos que li, e nos esclarecem.

Um, de Vieira Natividade: «Neste extremo ocidental da velha e bulhosa Europa... mais nos atraíram sempre... os vagos e indefinidos horizontes do que os prodígios da técnica; mais acreditámos sempre no acaso, no imprevisível, na solução fácil e oportuna... do que na solução obtida pacientemente, perseverantemente, pelo nosso próprio esforço, pelos recursos do nosso engenho.»

O outro texto, li-o na revista «Broteria» e tem a seguinte redacção: «O nosso individualismo anárquico, alheio a todo o esforço dirigido e organizado, não quer saber de peias governativas ou de sobrecargas que a estas importam... num momento em que as nações de mais poderosas recursos estão fazendo sérios esforços de Economia Dirigida.»

Acaso, imprevisível, solução fácil e oportuna, vagos e indefinidos horizontes, individualismo anárquico — e desordenado, no campo económico, conduzir-nos-ão, indubitavelmente, ao nível dos países subdesenvolvidos...

Se quisermos ombrear com os países desenvolvidos, modernamente de-

senvolvidos — não é tão fácil e tudo pode resumir-se em armas iguais em condições iguais às deles.

A igualdade de condições só se obtém quando se tiver conseguido o equilíbrio interno, o que é grave problema a resolver.

Portugal — o espaço económico português — não cumpre a sua missão pelo simples facto de possuir riquezas económicas naturais. Há que saber tirar delas o melhor proveito possível, tanto para a nossa economia, quanto para a melhoria do nível de vida da grei portuguesa, em qualquer parcela do seu território, aquém e além-mar.

Saber tirar dessas riquezas naturais o melhor proveito possível, é saber.

(Continua na página seis)

Horácio Barroso não era barcelense.

Respirara o ar de Barcelos. Sentira-lhe as feridas. Sofrera por ver esta terra tão pobre. E amara-a. Viera passar temporadas no verão, à Casa Senhorial de seus pais, em Gilmonde. Aí, no sopé da Franqueira, entre pinheirais e terras lavradas, gozara o remanso e a paz que a vida enervante e bulhosa da capital e do mundo que percorreria, lhe haviam negado. Face voltada ao mar, aspirara o cheiro da maresia à mistura com o odor lèvedo das agramas verdejantes. Espirara o olhar pelos campos, que se estendem a perder de vista, ruborizados pelos poentes vermelhos — painel magnífico, que se habituara a admirar, saído das paletas dos grandes mestres, e que se lhe oferecia ali, gratuitamente, da varanda joanina desta aldeia minhota...

Como não haveria de ser grato a tudo isto, que se lhe fixava na mente, como o sedativo mais eficaz do mundo? A doce calma dum aldeia alumada a petróleo e candeias de azeite... O som monótono dos chocalhos dum rebanho a caminho do monte... A melopeia da passada, e o murmúrio das fontes — toda a beatidade narrada pelo imortal Eça, e oferecida

ao parisiense Jacinto, nos vem à memória para compreendermos a lassidão que se apodera dos seres, cansados da turbulenta vida citadina, e mais sensíveis por isso às belezas rústicas dum aldeia minhota...

Mas para além de tudo, havia o drama pungente do homem da terra, mourejando de sol a sol, esquecido de todos e de si próprio... Não teria, Horácio Barroso, desejado debruçar-se sobre este drama?

Que estranha loucura — a santa loucura do desapego, a bendita loucura cristã — o teria levado a fazer dois testamentos iguais, aos trinta anos, legando a propriedade de seus amadas bens à Misericórdia — aos pobres desta pobre terra?

Talvez ninguém o saiba. É um dos grandes mistérios, das grandes almas, para quem a Vida começa para além da Morte! «Onde está, ó Morte, a



Ex.º Sr. Horácio Barroso Baptista

tua vitória, para aqueles que foram prometidos à Vida?»

E Horácio Barroso, possuidor talvez daquela centelha que iluminou D. António Barroso

(continua na página seis)

Em apoteose será recebida no dia 5 de Junho, pelas 19,30 horas a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima no nosso Concelho de Barcelos

E já no dia 5 de Junho que o bom povo deste vastíssimo concelho e arcepiado de Barcelos vai receber com aquele entusiasmo próprio das gentes de Barcelos a Veneranda Imagem da Senhora Peregrina de Fátima.

Estará no nosso meio (na MATRIZ de Barcelos), de 5 a 25 de Junho.

Durante esses dias todas as freguesias do concelho virão à matriz para pedir, agradecer e prometer. Pedir à Mãe do Céu novas graças para a nossa Pátria, e dum modo muito particular, para o nosso concelho. Pedir a paz para o Mundo em guerra; pedir pelo Santo Padre e pelos nossos Ex.ºs Prelados; pedir pelos nossos soldados; pedir pela conversão de todos os pecadores. Numa palavra: pedir a Nossa Senhora de Fátima que o mundo inteiro aceite a Sua Mensagem.

Agradecer todos os benefícios que Nossa Senhora de Fátima tem concedido à terra lusa. Ela é a Padroeira e a Madrinha de Portugal. Terá Portugal sabido ser digno de tal Madrinha? Teremos nós, Barcelenses, cumprido a Lei de Deus? Ontem,

como hoje, Nossa Senhora continua a dizer: Fazei tudo quanto Jesus vos mandar. Ao agradecermos tantos favores recebidos será o momento de fazermos, a sério o nosso exame de consciência. Ninguém diga que ama Nossa Senhora se não cumpre a vontade de Deus expressa nos mandamentos da Lei de Deus e nos preceitos da Santa Igreja.

Finalmente iremos prometer. Será o compromisso feito pelas famílias, será o compromisso feito pelas paróquias no dia da Visita à Veneranda Imagem; será o compromisso soleníssimo feito pelo Ex.º Senhor Presidente da Câmara no dia 26 de Junho, por ocasião da despedida da Imagem Peregrina, que seguirá para o concelho de Ponte de Lima.

(continua na página seis)

Simplicio de Sousa

Surpreendeu-nos dolorosamente a notícia do falecimento do nosso estimado amigo e colaborador Sr. Simplicio de Sousa.



plicio da Conceição Landolt de Sousa, ocorrida no dia 18 do corrente.

Sabíamos que tinha sido acometido de doença grave nas últimas semanas, mas nunca julgamos que tão cedo partisse para a eternidade.

A notícia por inesperada causou a maior consternação na cidade de Barcelos, onde o extinto contava inúmeras simpatias em atenção às suas qualidades de trabalho postas ao serviço da sua terra.

O Grémio do Comércio de Barcelos, que desde a sua fundação teve Simplicio de Sousa como Chefe dos seus serviços, perdeu um delicado servidor e a indústria dos barros de Barcelos e o artesanato da nossa terra perderam o seu maior propagandista.

«O Barcelense» também nele perdeu um dos seus melhores colaboradores e amigos.

Como à hora em que recebemos a notícia do seu passamento a composição do nosso jornal já se encontrava bastante adiantada, no próximo número faremos o relato do seu funeral.

Pêsames à família enlutada.

Pode um Padre ser Presidente duma Câmara?

Alguns têm sido com grande resultado para os seus concelhos. Para só falar dos mortos e perto de nós, citaremos o saudoso Padre José Dias, da Póvoa de Lanhoso e o Padre Sá Pereira, de Esposende. Também o concelho de Vila Nova de Famalicão está sendo presidido por um Reverendo Sacerdote, jovem e muito dinâmico.

Mas a pergunta fica de pé. Claro que a resposta depende um pouco de quem a dá mas, em boa verdade, ela será a mesma que viria no caso do presidente ser um Médico, um Engenheiro, um Advogado, ou um Homem Bom. Salvas as qualidades pessoais de diplomacia, argú-

cia e tacto admitiria não. Pondo de parte as complicações criadas às suas respectivas missões ou profissões, fundamentamos a resposta na falta adequada de preparação. Com efeito, a importância do cargo exigia uma preparação especificada, atinente às diversas funções que um presidente de Câmara tem de desempenhar, ou avaliar, ao menos, num regime de improvisações. Escolhe-se uma pessoa com qualidades prometedoras, e põe-se lá. Ornada talvez de prestígio, de autoridade e tacto. Mas, se tais previsões saíram erra-

(Continua na página 3)

MONUMENTO

A JOÃO DUARTE

Em continuação da lista dos donativos em prol da erecção do Monumento que irá perpetuar a memória de tão insigne barcelense receberemos mais os seguintes donativos:

Transporte	15.922\$00
José da Costa Passos	250\$00
Francisco A. Ferreira	20\$00
Alexandrina dos P. F.	10\$00
Teresa Aurora Ferreira	10\$00
Carmlinda A. de A. F.	10\$00
Arménio F. Gonçalves	5\$00
A transportar	16.237\$00

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. Jaime Cruz

Pensamento — «Ficou para ti. Não é reverência deixar de comungar, se estás bem preparado. Irreverência só é recebê-Lo indignamente.»

Dia 22 de Maio — Domingo depois da Ascensão ou VI após a Páscoa — Missa própria, Credo, Prefácio da Ascensão. Paramentos brancos.

EVANGELHO
(S. João, XV, 26-27 e XVI, 1-4)

Naquele tempo, disse Jesus aos Seus discípulos: — «Quando, porém, vier o Paráclito, que Eu vos hei-de enviar da parte do Pai, o Espírito de Verdade que procede do Pai, Ele dará testemunho de Mim; e vós também o dareis porque estais comigo desde o princípio.

Estas coisas vos disse para que vos não escandalizeis. Seréis expulsos das sinagogas; antes virá hora em que todo o que vos matar, pensará fazer serviço a Deus. E não deprender assim, porque não conheceram nem a Meu Pai nem a Mim. Mas Eu disse-vos estas coisas, para que, quando chegar a hora deles, vos lembreis que vo-las tinha predito».

REFLEXÃO

O Tempo Pascal, que nos apresentou o facto central da Morte e Ressurreição do Senhor e suas consequências da nossa vida, atinge, com este Domingo, o termo. Vivemos, na passada quinta-feira, a festa da Ascensão, um dos cumes do Tempo Pascal, pois nos mostra Jesus no esplendor da Sua divindade, intercessor nosso junto do Pai. Ao mesmo tempo, ensina-nos que o Céu é a nossa pátria e que é mister ter os olhos bem fixos no alto para não perder o sentido do maior título de glória: filhos de Deus.

O presente Domingo, servindo de elo entre o Tempo propriamente Pascal e o grande acontecimento do Pentecostes, partilha da mensagem própria de cada um.

A nossa missão terrena é dar testemunho da transformação profunda operada na nossa pessoa pelo Mistério do Senhor. Mistério de morte e de vida, de luta pela graça contra todas as seduções.

Tornados povo novo, sacerdotal, há um modo de ser que nos caracteriza e este é: buscar em todas as esferas de acção o cumprimento da vontade de Deus. Tudo deve ter sido impregnado da vontade de Deus. Tudo deve ter sido impregnado pela vitória de Jesus e há-de, manifestar essa vitória da Caridade, do Amor.

Fala-se frequentemente, nos tempos actuais, de testemunho, dando ao termo ampliação por vezes exagerada. O Evangelho de hoje surge como o Evangelho do testemunho, mas testemunho vital, à custa de esforço e, porventura, sob os ventos da perseguição.

O Cristão recebe nele um programa de vida: testemunhar Jesus, vivendo na Sua união, arcando cristãmente com todas as dificuldades.

E preciso fazer nosso o canto de entrada da Santa Missa: «Fala-Vos o meu coração, o meu olhar Vos procura e busco Vosso semblante.»

Desta forma, toda a vida cristã assume o sentido duma caminhada que, não obstante as contrariedades, é sempre gozosa, porque aproxima da casa paterna. A situação do cristão em face do mundo está definida. Tem de romper com o mundo na medida em que impeça a realização da sua missão e do ser novo que

nele foi implantado pelo Baptismo. E porque o cristão pertence a estoutro mundo novo, divino, é que é perseguido e precisamente na medida em que o vive mais plenamente. É necessário coragem para levar avante estes cortes com o pecado.

Pois bem, eis a ai mesa dos fortes, onde o pão dado em alimento é o próprio Cristo.

A participação na Eucaristia torna o cristão vitorioso do mal.

Animados da força bebida na fonte mesma da santidade, daremos ao mundo o testemunho da nossa Fé, Caridade e Esperança, traduzidas numa vida sem nada de extraordinário e no entanto bem fora do vulgar, porque animada pelo sopro do Espírito Santo é orientada pelo olhar de Deus.

Para os Pobres

Da Comissão, que particularmente promoveu a homenagem ao Ex.mo Sr. João Duarte, em 9 de Janeiro findo, na Associação de Socorros Mútuos Barcelinense, recebemos o saldo das contribuições recebidas, Escudos 120\$00, para distribuição pelos pobres protegidos por «O Barcelense». Em nome dos beneficiados, muito obrigado.

AOS C.T.T.

Os nossos prezados assinantes de Abade do Neiva, Sr. José Coelho da Silva e Avelino Rodrigues da Silva, queixam-se de que por várias vezes lhes tem faltado «O Barcelense» na sua freguesia, quando é certo ele ter sido entregue na Estação dos C.T.T. de Barcelos.

Para o facto chamamos a atenção de quem superintende na estação local a fim de se evitarem estas anomalias.

3 INCLINAÇÕES NATURAIS...

...um delicioso conjunto (BRANCO, TINTO E ROSÉ) CASAL DA DEVEZA e...naturalmente o gosto de quem bebe por gosto

MOURA BASTO

Distribuidor nos concelhos de Barcelos e Esposende:

MIGUEL A. MIRANDA DA SILVA
RUA FILIPA BORGES, 15-17

Telef. 82630 **BARCELOS**

Vende-se

Alvará de pão de milho com transferência para onde se combinar.

Informa-se nesta redacção.

FAZEM ANOS

Na próxima terça-feira completa mais um aniversário o nosso assinante Sr. Manuel Ferreira Saraiva, actualmente a exercer a sua actividade profissional em Lisboa.

Ao mesmo tempo que o felicitamos pela passagem do seu aniversário também lhe endereçamos as nossas felicitações pelo seu enlace matrimonial ocorrido há pouco tempo, desejando-lhe longa vida e as maiores felicidades.

—No dia 25 faz anos o nosso amigo Sr. João Francisco de Sá, da freguesia de Santo André de Palme. Os nossos parabéns.

MINHA SENHORA!

Poderá pôr fim ao problema do vestuário dos familiares, confiando-o aos cuidados da mais antiga Lavandaria de Barcelos.

Campo 5 de Outubro, 38-A (junto ao Jardim Velho) **BARCELOS**

EXCURSÕES — 1966

GRANDE CIRCUITO EUROPEU — 50 dias de viagem em autopullman. Partidas em 23 de Maio; 11 de Julho; 8 de Agosto e 5 de Setembro.

DIORAMA DA EUROPA — 39 dias de viagem em autopullman. Partidas em 22 de Junho e 24 de Agosto.

EUROPA MARAVILHOSA — 29 dias de viagem em autopullman. Partidas: **Maio** 7, 14, 21 e 28. **Junho** 4, 11, 18 e 25. **Julho** 2, 9, 16, 23 e 30. **Agosto** 6, 13, 20 e 27. **Setembro** 3, 10, 17 e 24.

Temos vários cruzeiros a bordo do navio espanhol «Cabo de S. Vicente»
Enviamos programas detalhados destas viagens e preços.

Agência de viagens «A Poveira»

Praça do Almada, 45 — Telefone 62291 — PÓVOA DE VARZIM

OBITUÁRIO

D. Maria José Vieira Borges

Foi Deus servido chamar à Sua Divina presença a alma piedosa da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria José de Jesus Roiz de Barros Freire Vieira Borges, de 87 anos de idade, viúva do antigo proprietário das Águas Borges, e da Quinta de São João, em Vila Boa, e pessoa muito considerada no nosso meio social, onde contava inúmeras amizades.

A veneranda senhora pertencia, e era oriunda de uma das mais distintas famílias portuguesas, e aparentada com as estirpes dos Azevedos Athaydes, Malafayas Baptistas, Freires, e com outras não menos ilustres na nacionalidade portuguesa.

Na Capela do Espírito Santo, em São João de Vila Boa, propriedade da família da saudosa extinta, que outrora foi pertença do vínculo do Covelo, dos Gouveias Ferrazes, foram celebradas no passado sábado 7 de Maio, missas e resposos de corpo presente, após o que se procedeu à trasladação da ilustre finada para o Cemitério do Prado do Repouso, da cidade do Porto, onde teve lugar o funeral.

A sua Ex.^{ma} família, e muito em especial às Sr.^{as} D. Maria José de Barros Freire Vieira Borges e D. Maria Beatriz Vaz Guedes d'Athayde Malafaya Baptista Vieira Borges, bem como ao nosso estimado assinante e amigo, Sr. Henrique Manuel de Barros Vieira Borges, a expressão bem sentida dos pêsames d'O *Barcelense*.

José Vieira

Acometido de doença súbita faleceu em 8 de Maio, passado na freguesia de Santa Marinha de Forjães, do visinho concelho de Esposende, o nosso assinante Sr. José Vieira.

A família enlutada sentidos pêsames.

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 21-5-1966, no n.º 2870

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ANÚNCIO

1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que nos autos de acção com processo especial de justificação de ausência e da qualidade de herdeiro, distribuída à primeira secção deste Juízo, correm éditos de seis meses citando **António Ledo de Carvalho**, solteiro, maior, ausente em parte incerta do Brasil e **José Ledo de Carvalho**, solteiro, maior, ausente em parte incerta da França, e ambos com o último domicílio na freguesia de Alvito São Martinho, desta comarca, para no prazo de vinte dias, depois de decorrido o prazo dos éditos, que se contará da segunda e última publicação deste anúncio, contestarem, querendo, o pedido feito nesses autos, aos quais se pede que seja julgada justificada a sua ausência por mais de vinte anos, presumindo-se mortos, e que seja julgado habilitado como seu único e universal herdeiro, seu irmão germano e requerente na mesma acção, **Joaquim Ledo de Carvalho**, solteiro, maior, agricultor, da referida freguesia de Alvito São Martinho, entregando-se-lhe, em consequência, todos os seus bens, sem dependência de qualquer caução.

Barcelos, 16 de Maio de 1966.

O Escrivão de Direito,
Aires Augusto da Silva

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
João Carlos Afonso da Rocha

PRÉDIOS — Vendem-se

Vende-se uma casa própria para negócio na freguesia de Gamil, em local bem situado, no cruzamento da estrada Braga-Famalicao.

Também se vende um prédio de lavradio bem avinhado no lugar de Traz da Agra, na mesma freguesia.

Quem pretender queira dirigir-se aos herdeiros de Antónia Gomes no lugar do Jardim, em Gamil.

Anúncio publicado em «O Barcelense», em 12-5-1966, no n.º 2870

Tribunal Judicial de Barcelos

(SECRETARIA)

ÉDITOS DE 20 DIAS

1.ª Publicação

Para os devidos efeitos se faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e 1.ª secção, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados **José Pereira** e mulher **Maria Rosa da Silva**, lavradores, moradores na freguesia de Abade do Neiva, desta comarca, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução de sentença com processo sumário, promovida por **Maria da Conceição Pereira**, solteira, maior, da freguesia de Tamel S. Verissimo, desta Comarca, e outros, desde que gozem de garantia real sobre o prédio penhorado.

Barcelos, 11 de Maio de 1966.

O Escrivão de Direito,
Aires Augusto da Silva

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
António da Costa e Sá

Conclusão do Mês de Maria

No Santuário de N.ª S.ª da Franqueira

No dia 29 de Maio de 1966

Rogando a bênção da Nossa Senhora da Franqueira, para os Soldados que defendem o nosso Ultramar, realizam-se no domingo, 29 de Maio, diversas solenidades no Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, com o seguinte programa:

As 9 horas — Concentração e partida da Igreja de S. Paio de Carvalho, da Romagem de Piedade a Nossa Senhora.

As 10 horas — No recinto do Santuário, o Rev. Capelão Padre Manuel de Sá celebrará Missa, acompanhada a cânticos e Comunhão geral em acção de graças, pedindo protecção para os nossos soldados no Ultramar. Sermão pelo Rev. Prior de Barcelos.

As 15 horas — Terço, Procissão no alto do monte, Bênção do Santíssimo Sacramento e o Adeus à Virgem.

No final das cerimónias serão distribuídas estampas de Nossa Senhora da Franqueira com invocação das intenções destas solenidades para as famílias enviarem a seus filhos.

Máquina de costura

Vende-se uma SINGER em bom estado.

Falar com o Sr. Torres, R. de Trás, 1 — Barcelos.

MÁQUINAS DE BARBEAR BRAUN

TÊM TODAS DISPOSITIVOS PARA BARBEAR, APARAR PATILHAS E CORTAR CABELO

Eis a máquina de barbear eléctrica cujo sistema de corte foi qualificado de excepcional em sete provas internacionais efectuadas junto dos consumidores.

BRAUN Garantida por dois anos, fabricada na Alemanha.

AGENTE EM BARCELOS

ARMINDO SILVA

Avenida Dr. Oliveira Salazar, 19

Telefone 82708

BARCELOS

SALVÉ 22-5-66

Felisbello Bernardo Rodrigues de Castro

Passa amanhã o 50.º aniversário natalício do Ex.^{mo} Sr. Felisbello Bernardo Rodrigues de Castro, digníssimo Industrial e Proprietário da Fábrica Cerâmica de Barcelos, a quem o seu pessoal apresenta as suas cordiais felicitações, desejando-lhe as maiores prosperidades na companhia de sua Ex.^{ma} Esposa e Filhos.

O PESSOAL

O colégio do Noviciado de La Salle em festa

A obra de S. João Baptista de La Salle, de grande alcance mundial na educação e formação dos rapazes, e que hoje conta no seu activo um total de 16.978 irmãos, 1.662 Colégios e 678.244 alunos, e que em Portugal conta 4 colégios, 45 irmãos religiosos e 670 alunos, foi solenemente evocada pelos Ex.^{mos} Senhores Director, Irmão Luciano Pasienti, Dr. Olindo Casal Pelayo e D. Francisco Maria da Silva, digníssimo Arcebispo Primaz de Braga, durante a festa que no Colégio do Noviciado de La Salle, na Quinta do Galo, em Vessadas, Barcelinhos, foi levada a efeito para ser inaugurada a estátua do fundador desta Ordem, obra esta de grande alcance no campo do ensino da formação dos jovens que tem a honra de contar entre os seus antigos alunos nada menos de 12 Cardeais, 212 Arcebispos; 31.400 Padres Católicos, 15.020 Religiosos e 10.800 Seminaristas que levaram a luz do evangelho aos cinco cantos dos continentes que formam o mundo.

S. João Baptista de La Salle, padroeiro de todos os educadores, nascido em França no ano de 1651, era descendente de uma aristocrática família de Reims, os Senhores de La Salle, poderosos fidalgos do tempo de Luís XIV, e figuras de grande destaque na aristocracia francesa. Depois de ter vivido o fausto e deslumbramento da corte do seu país, renunciou a essa vida de enganos para se dedicar inteiramente à sua obra educativa que o haveria de immortalizar pelos séculos em fora — O Instituto Salesiano. O seu amor pelas crianças, a expressão de bondade, misto de humanidade e santidade, levaram-no a ligar o seu amor aos jovens a quem se dedicou na terra, a conduzi-los ao Céu de suas nobres virtudes e boas obras.

A festa teve o seu inflexo pelas 15 horas do passado domingo com a chegada de Sua Exc.^{ma} Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz, que foi aguardado à entrada da quinta pelo Sr. Director do Colégio e por diversas individualidades civis, religiosas e administrativas, após o que se dirigiu para o edifício principal do colégio.

Em seguida, e na presença de Sua Exc.^{ma} Rev.^{ma} o Senhor D. Francisco Maria da Silva, dos Srs. Presidente da Câmara Municipal, Rev.^{mo} Arcebispo de Barcelos, Director da Escola do Magistério Primário de Braga, de uma embaixada espanhola, do Sr. Engenheiro D. Luís de Noronha e Távora e de seu irmão D. Manuel, do Delegado Escolar, do Rev.^{mo} Pároco de Barcelinhos e de deputações dos Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos e de muito povo, procedeu-se à inauguração da estátua a S. Baptista de La Salle, durante a qual usaram da palavra os Senhores: Irmão Luciano Pasienti, Director do Colégio de La Salle, que descreveu minuciosamente a obra de La Salle, agradecendo também a presença de tão ilustres pessoas; o Sr. Dr. Olindo Casal Pelayo, que durante a sua brilhante peça oratória descreveu a biografia de S. João de La Salle e teceu

várias considerações sobre a instrução e ensino ministrado por esta grande obra educativa; e o Senhor Arcebispo Primaz que começou por agradecer a gentileza do convite para depois desenrolar os seus comentários encomiásticos aos oradores antecedentes e à obra dos Irmãos de La Salle, por quem tem a maior simpatia pelo muito que têm contribuído para a expansão do ensino religioso. Seguidamente o Sr. Dr. Luís Fernandes de Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal descreveu a estátua que se encontrava coberta com a bandeira do município barcelense, após o que o Senhor Arcebispo Primaz, procedeu à sua bênção, e foi descerrada a placa da frontaria do monumento que contém a seguinte inscrição: «A La Salle — Oferia de Cooperadores Lassalistas Portugueses — 15-5-1966».

Depois os alunos do Noviciado de La Salle cantaram primorosamente dois hinos de louvor ao seu patrono acompanhados ao harmonio por um dos seus professores.

A banda de música do Colégio de S. Caetano, de Braga, agora dirigida pelos Irmãos de La Salle, fez-se ouvir em várias peças do seu repertório, seguindo-se o festival recreativo que culminou com a excelente actuação do Grupo Folclórico Dr. Gonçalo Sampaio, de Braga, dos conjuntos barcelenses «Cinco Dias e Poucas Horas» e «Os Pinguins», bem como do magnífico desempenho musical da pequenina artista Maria José Rodrigues Moreira da Silva, que num harmonio apropriado executou algumas melodias musicais finda a

qual foi ovacionada pelo numeroso público que assistiu a este interessante festival de canções e danças portuguesas. Seguiu-se depois um copo de água oferecido aos convidados servido pela Confeitaria Salvadora.

Na estátua erigida no jardim do Noviciado de «La Salle», houve a preocupação de realçar a amizade do Santo pelas crianças e as grandes qualidades que o caracterizam. Pareceu bem aos La Sallistas definir a sua personalidade, com um monólito de mármore branco de Estremoz, constituído pela figura do Santo envergando o hábito da ordem que criou, protegendo um menino e indicando-lhe através do ensino o bom caminho a seguir na terra para atingir a paz na eternidade.

Com o mármore branco quiseram os La Sallistas interpretar a pureza e tenacidade dos sentimentos que animavam S. João Baptista de La Salle na terra, com a posição da mão direita da escultura pretenderam expressar a elevação dos sentimentos no ensinamento do bom caminho.

E finalmente com a figura do menino desejaram mostrar a finalidade educativa e protectora das crianças a quem S. João Baptista de La Salle inspiradamente se devotou fundando uma Ordem que o seguiu, deu e dá continuidade à sua Fé de grande educador, formador de caracteres e alunos de eleição que merecem a Deus, e Deus deles sempre ficará grato.

A estátua inaugurada no passado domingo foi criada pelo Escultor Victor Marques, e executada nas oficinas dos Srs. Cacho e Viana.

Missão pelo Senhor João Duarte

No próximo domingo, às 10,30 horas, na Igreja da Senhora do Terço desta cidade, celebra-se uma missa pelo eterno descanso do Senhor João Duarte Veloso.

De futuro todos os meses, à mesma hora e na mesma igreja, haverá uma missa na mesma intenção, no domingo mais próximo dos dias 19.

Manda celebrar pessoa agradecida.

Escola Industrial e Comercial de Barcelos

PROVAS DE ADMISSÃO

Os candidatos ao exame de admissão devem apresentar de 15 a 25 do mês de Junho o boletim editado pela Imprensa Nacional de Lisboa e que se encontra à venda na Escola, no qual será aposta e inutilizada pelo candidato ou por seu pai ou tutor, uma estampilha fiscal de trinta escudos (30\$00) e ao qual se juntarão os seguintes documentos:

- Certidão de idade;
- Certidão de matrícula na 4.ª classe de instrução primária ou de aprovação no respectivo exame;
- Bilhete de Identidade, que será restituído depois de conferido e de feita, à margem do Boletim, a anotação da conferência;
- Atestado médico comprovativo de que o candidato se encontra devidamente vacinado contra o

tétano e contra a difteria (esta última vacina só é exigida aos candidatos com menos de 10 anos).

Provas de Exame

As provas de exame, cujas matérias estão compreendidas nos programas da 4.ª classe do ensino primário, são as seguintes:

Provas Escritas

- Exercício de ditado de um texto de linguagem simples e sentido completo, de 120 a 150 palavras, expressamente preparado para o efeito.
- Exercício de redacção sobre tema corrente, de conhecimento directo dos alunos (quarenta e cinco minutos).
- Resposta a dez perguntas de aritmética e geometria e resolução de três problemas simples (sessenta minutos).

Prova Prática

Desenho livre: ilustração de uma breve história previamente apresentada e explicada pelo professor que assiste ao exame, podendo os examinandos utilizar os materiais e técnicas que preferirem (uma hora)

Provas Oraís

- Leitura e análise ideológica de um trecho simples (dez minutos).
- Interrogatório sobre noções muito sumárias de história e geografia de Portugal (dez minutos).
- Interrogatório sobre aritmética e geometria (dez minutos).

Nota — No corrente ano as provas escritas de 1.ª chamada, realizam-se nos dias 14 e 15 de Julho.

Pode um Padre ser Presidente duma Câmara?

(Continuação da página 1)

das, o resultado é aguentar, com prejuízo dum concelho inteiro.

Sem ofensa, que sabem tais pessoas da essência do cargo? Nada, geralmente.

Vão tacteando, de começo. Estudam, perguntam, estagiam. Passam os primeiros tempos a estudar terreno e, quando começam a agir, ou já estão dominados ou têm de enfrentar um mundo de interesses com aqueles junto dos quais tiveram de abeirar-se durante o «estágio». Daqui, ou se age um pouco ditatorialmente ou se capitula e condescende, levando a cruz pelo lado mais leve. E o concelho espera.

Depois surge a indole pessoal de cada presidente; um mais para as aldeias, outro mais para a vila ou sede; um mais para o progresso, outro mais para o deixa correr. E o que é pior é que todos eles têm que fazer, antes e depois de saírem da Câmara. Têm a sua vida profissional que podem decurar. De momento, estão fora do cargo e, no caso dum médico, por exemplo, nele e por causa dela terá deixado de atender muitos clientes. Um advogado deixará o seu consultório e, nas causas, ou deixa a Câmara ou deixa as causas.

Depois, entre ele e o seu concelho, tem de haver um intercâmbio de relações para atender e averiguar, zelar e até fiscalizar. É óbvio que não descendo ele até mesmo aos trabalhos em curso, estes vão (se forem) de qualquer maneira e à feição de quem os dirige. Em conclusão: Ou padece o concelho ou a vida profissional do presidente. Ora, como esta é a sua razão de ser, não será errado pensar que, na maioria dos casos, sofre o concelho. E isto, durante quatro, oito ou mesmo doze anos.

Não descendo a casos mas falando dum modo geral, desejaríamos profissionais, adrede preparados e não improvisados. Portadores dum curso que englobasse ciências relacionadas com o cargo, estudos apropriados às funções a desempenhar, estudos esses que fossem desde a Diplomacia às Leis (administrativas, pelo menos) desde a Contabilidade à Sociologia, ao Direito Público, à Moral, à Psicologia (das multidões). Um pouco de Engenharia (pontes e estradas) de Hidráulica, etc., etc. Um homem que dominasse quase todas as funções sobre as quais vai dar tantas vezes despacho, nas circunstâncias piores, de ignorar o assunto e baseado nos técnicos, muitas vezes aptos, mas outras, longe das realidades.

No estado actual das coisas e perante as dificuldades cada vez maiores de dirigir e administrar os povos, vai sendo tempo de criar chefes ou homens para os lugares-chaves.

Ouvimos queixas de que faltam chefes. Não é inteiramente verdade.

Temos a massa e boa. Mas, é preciso prepará-la em qualidade e quantidade, e, só depois, é que podem os cargos ser providos racionalmente, para serem desempenhados profissionalmente e não por carolismo, improvisação, passatempo ou fé política.

E bem vai aos concelhos, quando calha de presidir aos seus trabalhos um homem que saiu a contento. Mas terá sempre de agir em pedestal de barro, temporariamente, sem descerrar a sua vida profissional. É o músico de vários instrumentos. Algum tocará mal, e bem, nenhum.

Mesmo que seja uma competência, se traçar um programa, terá tempo de o completar? Não sucede tantas vezes do sucessor levar em bríos abandoná-lo, por criação alheia? Quantas participações, quantos trabalhos ficam no papel só por desacordo entre antecessor e sucessor.

Para acabar, respondamos a uma objecção: E remuneração? Não é problema.

E continuidade? Pois, se temos categorias para os concelhos, à maneira das comarcas, porque não seguir esse fácil critério, de transferir e promover profissionais das Câmaras. É ver o que se passa com Delegados de M. P. e Juizes.

Solucionado o problema desta maneira muito teríamos a esperar dos profissionais, já que tanta esperança nos tem dado os improvisados.

E o que dizemos para as Câmaras, diremos para outros cargos.

Cosme do Vale

Farmácias de Serviço

Amanhã, Domingo, estão de serviço permanente:

FARMÁCIA LAMELA
Rua D. António Barroso
BARCELOS
Em Barcelinhos: J. ALVES DE FARIA
Rua Miguel Miranda

Pela P. S. P.

A quem pertence a Bicicleta? — Encontra-se no Posto da P.S.P. à disposição de quem provar pertencer-lhe, uma bicicleta, marca «Royal», que foi encontrada abandonada na freguesia de Alheira deste concelho e se presume ter sido furtada.

Queiras — A Sr.^a D. Maria Henriqueta Guimarães Cibrão, residente nesta cidade, queixou-se contra o condutor duma viatura cujo número de matrícula indicou, por se ter apoderado dum suíno, que pouco antes havia fugido para a R. Dr. Manuel Pais, desta cidade.

Perda dum Relógio — A Sr.^a Ana de Jesus Fernandes, residente em Braga, comunicou à P.S.P. que no dia 28 de Abril findo, havia perdido em Barcelos, um relógio de pulso, marca «Ferrot».

Para Ti, Rosa Vermelha

ROSAS VERMELHAS...

Sangue que pinga fumegante
Ao esturro do sol,
Exala esfuziante odor!

Rosas vermelhas...
Ginja que o álcool vai esmaecendo
Na luz mortífera de teus olhos!...

Rosas Vermelhas...
Espinhos que o fumo escurece
E a nuvem chorosa fenete
Cobrindo o grito da tristeza,
Ao arrefecer a dura e crua nudez
Do frio da tua alma.

Então, rosa vermelha,
Deixa de ser vermelha porque raso
É a tua cor!...

Deixa-me afagar-te no teu veludo
Triste e sem dor;
Deixa-me crispar as mãos nos teus espinhos,
E sacia o teu amor,
Que lateja, ainda, no teu voraz sofrimento...

ZÉ MANEL

Não Beba à Sorte...

Saiba Escolher

VINHOS DE GARRAFÃO «CALDEIRA»
(rosado e branco maduro)

VINHOS DE MESA «CALDEIRA»
(Boa Cepa e Valbelo)

Único Distribuidor para Barcelos e Esposende:

ARMAZÉM DE VINHOS S. JOSÉ

Rua D. Diogo Pinheiro, 24

BARCELOS

MÓVEIS
 DE **Perfeito José Soares**
 EM TODOS OS ESTILOS
 EM TODAS AS MADEIRAS
ESTOFOS • COLCHOARIA
 Facilidades de Pagamento

AGENTE
 DOS COLCHÕES
 DE MOLAS
FLEX-SUPER

24—AV. COMBATENTES DA GRANDE GUERRA—26
 (JUNTO A SANTO ANTÓNIO)
TELEFONE 82719 SOARES

RELOJOARIA LISBOA
 RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 67—BARCELOS
 RESPONSABILIDADE TÉCNICA DE:
JAIME MATOS ARAÚJO
 (RELOJÓEIRO DIPLOMADO)

GRANDE SORTIDO DE RELÓGIOS, QUE VENDE BARATO
 PARA VENDER MUITO

representante dos famosos relógios UNIVERSAL, o mais avançado
 aperfeiçoamento da Técnica Relojoeira Suíça

UNIVERSAL POLEROUTER JET
 (MICROTOR AUTOMÁTIC)
 O relógio mais aperfeiçoado do mundo!

A ilustre Casa da Torre de Moldes, em Remelhe

Por Ilídio, Eurico Gomes Ramos

«A Nobreza é uma realidade, histórica, de que a indagação desapaixada fornece conhecimentos de subido valor... sempre tem sido e há-de ser, uma das mais importantes manifestações da vida social. Ela é também um monumento nacional que como todos, merece respeito e veneração.»

As Ex.mas Famílias Brito Limpo Trigueiros, de Remelhe; Serras Brito Limpo, de Cósios; Serras Lobartinas, de Chorenta; Britos Lumpo Santos, de Barcelinhos e Brito Limpo Farias, de Pedra Furada, dedica o autor as presentes notas.

«O Barcelense», associou-se conligadamente à homenagem póstuma que a cidade da Beira, na Província de Moçambique prestou à memória do Major Limpo Serra, distinto oficial do exército, natural da freguesia de Cósios, do nosso concelho, e descendente dos antigos Senhores da Casa da Torre de Moldes, em Remelhe, figura prestigiosa de barcelense que tanto trabalhou pelo engrandecimento daquela preciosa parcela de território português no Ultramar, dando o seu nome a uma das principais artérias daquela florescente cidade de África.

Na intenção de nos associarmos a essa justa e merecida homenagem, e correspondendo também ao interesse de alguns amigos deste jornal, iniciamos hoje uns apontamentos de carácter genealógico sobre os antepassados de tão distinto oficial, os Silvas, Pereiras, Fonseca, Velosos, e Britos Limpos, que à Pátria, às Ciências e às Letras prestaram notáveis serviços.

A Casa da Torre de Moldes, que se ergue no lugar do mesmo nome, na freguesia de Remelhe, a pequenina distância da Casa onde nasceu o Senhor D. António Barroso, é antiga e nobre como nobres e levantadas foram as acções praticadas pelos seus filhos no decorrer de três séculos ao serviço da nacionalidade.

Foi seu principal tronco — muito embora antes dele já tivessem existido outros senhores da dita casa —, o Capitão Manuel da Silva Fonseca, abnegado homem de armas que à sua custa criou e sustentou uma

Companhia de Auxiliares, que nas Guerras da Aclamação prestou distintos serviços ao reino durante a defesa das fronteiras portuguesas, tendo merecido de El-Rei D. Pedro II, que então governava os destinos do reino, as melhores demonstrações de estima, várias vezes comprovadas com mercês e distinções.

Este fidalgo teve por progenitores, a Sr.ª D. Helena Thomé da Fonseca, que pertencia aos legítimos Fonseca da Casa de Amlins, em Chorenta, em cujo solar viu pela primeira vez a luz do dia; e João Thomé da Silva, que ao tempo da sua aliança com aquela conceituada senhora era o proprietário e Senhor da Casa de Paços de Cima, em Santa Eulália de Rio Covo.

Pela linha materna era neto de Domingos Thomé da Fonseca, de quem falam velhos manuscritos e documentos, que para não tornar estes apontamentos mais extensos absteve-nos de aqui os anotar, para não subirmos mais na escola genealógica de tão insigne família. Porém, a um deles teremos de nos referir: D. Sancha Vasques de Moura, esposa de Lourenço Vasques da Fonseca, Senhor da Quinta de Cónega, em Braga, que se aparentava por linha ascendente com Sua Majestade a Rainha D. Brites, esposa de El-Rei D. Afonso III, e ainda com os Condes de Benavente, com o Cardeal D. Pedro da Fonseca, com os Marqueses de Orelhana, Condes de Monte Rei (Grandes de Espanha, com os Condes de Vila Nova de Canelo e com muitos outros senhores feudais dos reinos de Portugal, Castela, Leão e Aragão).

E pela linha materna era neto de D. Francisca André, Senhora da Casa de Amlins, em Chorenta, que vinha a ser filha de João André e de sua esposa D. Catarina Afonso, dona que se aparentava com um dos ramos da frondosa árvore genealógica do Alcaide do Casteio de Faria, Nuno Gonçalves.

Era pois ilustre o sangue que corria nas veias da mãe do Capitão Manuel da Silva Fonseca, como também era de boa estirpe o sangue de sua avó materna.

(Continua)

PROCISSÃO DE SANTO ANTÓNIO DA CIDADE

Agradece-se a todas as pessoas interessadas em dar anjinhos para esta Procissão, o favor de se inscreverem na Casa Francisco Esteves desta cidade.

A COMISSÃO

Conferência de S. Vicente de Paulo de Barcelinhos

ANO DE 1965

RECETTA

Comissão Municipal de Assistência	800\$00
Câmara Municipal de Barcelos	1 000\$00
Sr. João Duarte Veloso	300\$00
Legado do Sr. Francisco Martins	400\$00
Peditório feito na Igreja	662\$50
Peditório extraordinário para o Lactário	6 536\$00
Benfeitores do Lactário	4 500\$90
D. Rosa Maciel Barreto de Faria	100\$00
D. Maria José Bezeza Azevedo	250\$00
D. Umbelina Barreto de Faria Coelho	50\$00
D. Domingas Bezeza Moreira	60\$00
D. Amélia Sá Carneiro Cardoso Lopes	100\$00
D. Maria Teresa Maciel Bezeza Ferraz	100\$00
D. Maria do Carmo Faria Torres	100\$00
Dr. Joaquim Chaves Marques Sá Carneiro	100\$00
Comandador José Barcellos (Brasil)	300\$00
Dr. José Chaves Marques Sá Carneiro	100\$00
Eng.º Manuel Chaves Marques Sá Carneiro	100\$00
Tenente-Coronel Alexandre G. Magalhães	20\$00
Dr. João Bezeza Ferraz	100\$00
D. Luís de Noronha e Távora	100\$00
D. José António de Noronha e Távora	100\$00
Ateliers Continental (Porto)	100\$00
General José António de N. e Távora	100\$00
Conselho Central	200\$00
Colectas das Sessões	637\$10
Subscritores	7 132\$50
Património dos Pobres	6 000\$00
Soma	29 549\$00
Saldo de 1964	363\$70
Total	29 912\$70

DESPESA

Senhas Semanais	8 530\$00
Rendas de casa	1 120\$00
Transporte dos géneros e funcionamento do Lactário	12 286\$80
Em dinheiro	380\$00
Bodo do Natal	827\$90
Compra de 10 cobertores	345\$00
Compra de livros, recibos, etc.	103\$70
Oferta do Conselho Central (obrigatória)	240\$00
Compra do Boletim anual	20\$00
Despesa com um casamento	87\$60
Farmácia	79\$80
Diversos	397\$20
Património dos Pobres	6 000\$00
Soma	30 417\$80
Recetta	29 912\$70
Déficit	505\$10

E certo que o lactário faz uma despesa quase incompatível com os nossos recursos, mas dele beneficiam diariamente 200 crianças com um copo de leite e um pão. Por isso faremos o possível para sustentarmos o seu funcionamento.

Formulamos um voto de profundo pesar pela perda do generoso benfeitor desta obra, Ex.mo Sr. João Duarte Veloso. Deus lhe pagará, concerteza.

Recebemos da Fábrica Guial 112 peças diversas em 1964 e 134 em 1965; Da Fábrica Barcelense 72 pares de meias e da Tor 82 peças diversas. A Casa Aguiar também ofereceu tecidos e lãs, a firma Fernando Pereira

e Irmãos, uma dúzia de pares de péguas de Nylon. A Fábrica de Moagem Soares e Irmão, deram-nos 30 quilos de farinha de trigo, que foi utilizada no Bodo do Natal.

Em colaboração com a Ex.ma Câmara, fizemos uma distribuição de um bodo de mercearia e uma carcaça a 149 pessoas.

Presidente — Amália Fontainhas da Graça Faria
 Tesoureira — Paulina Meira Fontainhas Carvalho
 Secretária — Maria do Carmo S. de B. L. dos S. P. Rosa

Casa do Povo da Gândara do Neiva

(Continuação do n.º 2816)

Além disso, senhor correspondente, a Casa do Povo tem a sua sede no lugar da Gândara, freguesia de Cossourado, e ela está em Qu'itães...

Apontar o mal onde ele estiver e contra quem quer que seja — Agradecemos que o faça, senhor correspondente, para se lhe dar remédio, se possível, e desmascarar os malvados...

Vir a público uma inofensiva notícia para se remediar parte do mal que se vinha arrastando — Não, senhor correspondente, não estivemos à espera da sua «inofensiva notícia», da sua cataplasma afactada e fétida para resolver qualquer dos males que afectam o Organismo.

Appe, que o senhor não é nada modesto!...

Julgo que se refere ao horário das consultas.

Sabe lá o senhor as dores de cabeça que nos tem dado (e aos dirigentes de muitas Casas do Povo) o problema médico, São testemunhas disso os Excelentíssimos Clínicos que, com sacrifício, têm servido este Organismo e os dirigentes que se vêm a braços com igual problema.

Não estivemos à espera da sua «inofensiva notícia» para o resolver... Ele já estava resolvido quando ela saiu, o senhor mesmo o confessou, pois até sabia a data desse horário. No entanto teve o descaramento de o adulterar... Isso não é bonito, senhor correspondente.

Pelem colaboração — Mas quem é que lhe pede colaboração? Nós apenas o aconselhamos a que fosse construtivo nas suas críticas à Casa do Povo. E ser construtivo, senhor correspondente, é ser honesto.

Pedir colaboração ao senhor correspondente... ao antigo escriturário que tão mal serviu o Organismo enquanto esteve ao seu serviço, conforme documentos em nosso poder, só de simplórios...

Que a Casa do Povo, ao contrário das que conhece, se encontra fechada ao Domingo — Sim, isso é verdade e já no seu tempo era assim, porque ninguém lá vai, porque está mal situada, não tem condições.

Que pretendem mudar o nome topónimo do organismo que representam — Isso é mentira, senhor correspondente, é invenção sua, é calúnia, que facilmente podemos provar.

Que pretendem mudar a sede da Casa do Povo — Não, senhor correspondente, o que se pretende construir em Balugães, no lugar de S. Bento, junto à farmácia que fornece este Organismo, e única existente num raio de muitos quilómetros, é a Delegação de Balugães da Casa do Povo de Gândara do Neiva, prevista no parágrafo único do artigo 2.º dos seus Estatutos.

Que os sócios já se pronunciaram em assembleia geral, há mais de 3 anos — Sim, senhor correspondente, os sócios pronunciaram-se nessa Assembleia geral, por 78 votos contra 74, pela construção da Delegação de alugães.

Já lá vão 3 anos, é certo, e a Delegação ainda lá não está. Mas a culpa não é nossa, Senhores Associados de Balugães, Panque e Cossourado, a quem a Delegação irá beneficiar! Se há responsáveis pelo

vosso prejuízo e pela asfixia do Organismo, que na Delegação veria realizados os seus fins culturais, recreativos e instrutivos, que não são possíveis na sede por falta de ambiente, não são os dirigentes da Casa do Povo.

Mas haverá mesmo responsáveis? Não creio, porque o assunto é melindroso...

Para os que patrocinavam os idiais dos senhores dirigentes não faltavam automóveis e camionetas para os transeuntes — E sabe o senhor correspondente quem pagou as despesas? Foram eles que se quotizaram ou o proprietário dos carros, Grande Bairrista e Amigo da Casa do Povo, que lhe sofreu o transporte. Vá inquirir, senhor correspondente, porque bem fácil lhe será descobrir a verdade. Inquirir e diga ao público que tenta enganar, quem custou essas despesas.

Eram vexados e escarnecidos — Mas então o Excelentíssimo Senhor Delegado do I. N. T. P., que se dignou aceitar o nosso convite para assistir a essa assembleia, consentiu nesses vexames? Não, senhor correspondente: os trabalhos decorreram na melhor ordem e seriedade. A admissão dos sócios, com direito a voto, na sala da sessão, foi feita por um funcionário do I. N. T. P. (que também recolheu o votos) e os trabalhos dirigidos pelo Excelentíssimo Delegado, que expôs com clareza impar, a nossa proposta. Foi esse Grande Amigo das Casas do Povo, bom conhecedor do mal que asfixia este Organismo que nesse domingo, 1 de Abril de 1962, na companhia do zeloso funcionário do I. N. T. P., veio auscultar a opinião dos sócios da Casa do Povo de Gândara do Neiva, na esperança de lhe dar remédio. Nós fomos espectadores.

Foi empatado 50 contos — Não, senhor correspondente, o terreno para a Delegação de Balugães custou 15 333\$00 (um pouco menos, não é verdade?) e isso não é segredo para ninguém porque nos Balanços Anuais afixados na sede, e sob a rúbrica «Terreno para a Delegação de Balugães», lá consta nos 15 333\$00.

Havia terreno mais perto e mais barato — Para provar a veracidade desta afirmação, senhor correspondente, está a Comissão encarregada de arranjar o terreno para a construção da sede, de que fazem parte os Senhores Presidentes das Juntas

de Cossourado e Quintiães, que conseguiram esse terreno, embora tenham decorrido cerca de 5 meses. Vá ter com eles e diga-lhes desse terreno.

Falar no Campo Cultural!... — Mas o que entende o senhor correspondente por instrução, cultural e recreio? Serão só as sessões de cinema que a F.N.A.T. já não oferece aos meios rurais há muito tempo? (Pelo menos à Casa do Povo de Gândara do Neiva).

Veja, senhor correspondente, se será possível organizar neste local um grupo cénico, um grupo coral, uma orquestra típica, sessões de leitura, desportos, etc., etc.

Sabe quantos livros foram requisitados à Biblioteca da Casa do Povo desde que ela nos foi oferecida em Novembro de 1961, pela Junta de Acção Social? Apenas 92, dos quais 23 por uma jovem estudante do sétimo ano que deles necessitou para a sua preparação.

Creio ter ficado suficientemente retratada a figura grotesca do senhor correspondente... No entanto ainda temos à mão tinta para o retrato mais exacto da sua personalidade. Mas valerá a pena? Não!...

A Bem da Nação

Quintiães, 12 de Março de 1966.
 O Presidente da Direcção,
 Joaquim da Rosa Machado

III encontro da Imprensa Regional de Aquém-Douro

Sob a organização do nosso colega «Flor do Tâmega», realizou-se em Amarante nos dias 14 e 15 do corrente mês, o III Encontro da Imprensa Regional de Aquém-Douro, com a presença dos órgãos regionalistas dos distritos do Porto, Braga, Viana do Castelo, Vila Real e Bragança, reunião essa que decorreu em ambiente de boa e franca camaradagem. A ela nos referiremos mais detalhadamente num dos próximos números deste semanário.

Especialidades dos Estabelecimentos Arantes

Sonhos e Paralelos * Fitas de carpinteiro

CAFÉ ESPECIAL — PUDINS

Bacalhau Recheado Vinhos Branco e Tinto

Igreja de Nossa Senhora do Terço

SUA CERTIDÃO DE IDADE,
SUAS OBRAS, SUA ARTE

Dois documentos solenes colocados exteriormente aos lados da porta principal deste templo sagrado, avidamente decifrados pelos turistas que nos visitam, são cabal testemunho da sua antiguidade, a sua certidão de baptismo.

Gravados em pedra, lavrada em forma de desenrolados papiros, dizem-nos que «foi benzida e lançada a primeira pedra desta Igreja e dum mosteiro de religiosas em 14 de Agosto de 1707, reinando D. João V com o benedictino de D. Pedro II, e sendo Dom Rodrigo Arcebispo Primaz».

No cimo, em nicho próprio e a estilo da época, vê-se a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a revelar-nos que foi a escolhida para sua Padroeira, o que se confirma com a imagem de madeira no mesmo estilo que se encontra ao lado direito do altar mor, e é também da Conceição Imaculada da Mãe de Deus, provando a grande devoção que nesses tempos remotos existia por este excelso privilégio de Maria, então ainda não definido dogma de fé.

Segundo patrono desta igreja seria São Bento porque dum convento de religiosas beneditinas se tratava. Daí que «Igreja de São Bento» se denominasse até que a invocação da Senhora do Terço passou a dominar desde que esta imagem e sua confraria ali se instalaram, como em artigo anterior foi exposto.

Na capela mor da igreja, logo a seguir ao arco cruzeiro, por cima das portas laterais, encontram-se duas legendas, uma a cada lado, desenhadas em azulejos e são do teor seguinte estes dois valiosos documentos que, além do mais, nos dizem que esta igreja e mosteiro levaram seis escassos anos a construir e a concluir:

Lê-se ao lado do Evangelho: «No ano do Senhor de 1707, no dia 14 de Agosto, D. Rodrigo Moura Teles, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, lançou a primeira pedra para este edifício».

Lê-se ao lado da epístola: «No ano do Senhor de 1713, no dia 8 de Julho, D. Rodrigo Moura Teles, Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas, transferiu de Braga as religiosas para este mosteiro por ele fundado e nele as enclausurou».

Desde 1707 nos caminhos da história rolou muito tempo até nossos dias. Duzentos e cinquenta e nove anos se passaram. Por isso mesmo não causará estranheza alguma que este templo cidadão esteja muito carecido de avultadas obras.

Obras? Sim. Muito necessárias. Já há perto de quinze anos nelas se pensava como muito urgentes, chegando a estar na sua realização deveras empenhadas as autoridades locais, que abordaram o Ministro das Obras Públicas, sendo prometido subsídio desde que enviassem para o Ministério a devida papelada.

A documentação preparou-se e para Lisboa foi levada, mas não fora entregue pessoalmente no Ministério, resultando o seu extravio não se sabe se dentro se fora do dito ministério. O certo é que de lá se afirma não existir nada disso. Haverá portanto necessidade de se preparar nova documentação, como antes, com orçamento, fotografias da igreja, dos seus valores artísticos, se se descejar pensar a sério nas obras com subsídio do Estado, que poderá concedê-lo ou não, porque os tempos são outros, bem diferentes dos de antanho.

Se há tanto tempo se pensou assim a sério nas obras da Igreja do Terço como urgentes, muito mais a sério temos de pensar hoje nelas, como é evidente, tendo-se dado a progressiva e natural deterioração do tempo que não perdoa.

Quando digo temos de pensar refiro-me a todos os barcelenses sem excepção, senão mesmo a todos os portugueses, porque se trata duma igreja de grandes valores de arte que constituem não só valioso património local mas também nacional, que urge defender e conservar sem se olhar a sacrifícios.

Já repararam todos os barcelenses na beleza artística e espiritual dos azulejos das paredes deste templo com suas pinturas e legendas de rara espiritualidade conventual e cristã?

Já levantaram, todos, os seus olhos para aqueles quadros estupendos de que se compõe o tecto? Já contemplaram outros de raro valor?

Já poisaram os seus olhares, perscrutadores e calmos, na exuberante e riquíssima talha dos altares? E que diremos do púlpito, um dos mais belos e ricos a ocupar lugar cimeiro entre os seus congéneres através do País?

Só o frontal do altar-mor é que se nos apresenta numa pobreza extrema e destoante sem sabermos explicar o facto, pelo que se tem tornado necessário tê-lo permanentemente coberto com damasco da cor litúrgica.

Por tudo, esta igreja, que não é monumento nacional oficial, e tenho verificado que os barcelenses não desejam tal, é um monumento artístico barcelense e nacional de incalculável valor.

E este monumento está em Barcelos. É, antes de mais, dos barcelenses. É nosso com todo o direito de portugueses e de cristãos. Ora, a grandes direitos de honrarias e possessão correspondem iguais deveres. Por isso mesmo é grande o nosso dever de cuidarmos muito a sério da nossa bellissima Igreja da Senhora do Terço.

A admiração extraordinária que os turistas visitantes levam, bem vindada, em sua alma, por esta igreja barcelense, patenteia-nos também o alto significado do valor artístico que ela comporta. E repare-se que os turistas vêm cheios de ver maravilhas de arte noutros pontos do País e do mundo.

E não se diga que os turistas nem sempre são entendidos nem críticos da arte. Não é preciso ser-se tudo isso para a nossa alma, que no fundo é sempre artista, poder apreciar, ao menos superficialmente, alguma beleza da arte desenhada ou esculpida.

Mas os técnicos, os letrados em belas-artes que nos visitam, muito apreciam as preciosidades desta igreja de Barcelos — Portugal. Uma senhora formada em Belas-Artes, da Holanda, e com responsabilidades na matéria, muito admirou o tesouro artístico de que este templo é verdadeiro cofre, do qual tomou apontamentos cuidadosos no seu roteiro.

Outro caso elucidativo: certo dia um oficial de alta patente do nosso exército e da nossa terra encontrava-se de visita oficial na América do Norte onde, em colóquio ameno com norte-americanos, se apresentou não só como português mas como natural de Barcelos. Os seus interlocutores logo animadamente lhe disseram que em Barcelos havia uma igreja invulgar, toda arte e beleza, que não mais podia esquecer, a Igreja do Terço. Foi por esta obra de arte barcelense que eles ficaram a lembrar Barcelos para toda a sua vida! Foi a melhor impressão que levaram de Barcelos na sua alma e escrita no seu roteiro de viagem. A nada mais se referiram porque a bela impressão desta igreja suplantou tudo o mais que seus olhos, ávidos de belezas do velho Mundo, puderam por cá contemplar. E assim aqui temos a Igreja de Nossa Senhora do Terço como o melhor cartaz de turismo da nossa terra. O seu valor não está no granito pesado dos romanos que desafia os tempos e os passeantes numa arrogância que amedronta, mas na leveza e graça e espiritualidade da alma, de escultores e pintores, que se divisa em seus quadros e talhas.

De volta a Portugal, aquele nosso distinto oficial veio a Barcelos visitar a tal igreja de que lhe falaram na América, a Igreja do Terço que ele não conhecia interiormente. Não é raro assim suceder entre nós.

Também os portugueses, amadores e críticos da arte, apreciam muito os valores artísticos de que nos ocupamos.

O Sr. Cónego Dr. Luciano dos Santos, Presidente da Comissão de Arte Sacra de Braga, Reitor do Seminário e autor do Museu Pio XII e, desde criança, apaixonado admirador de obras de arte e de velharias, que a sua velhice devem todo o seu valor, por vezes doadamente elevado.

Também ele admira muito a beleza artística da nossa Igreja do Terço.

Santos Simões, de Lisboa, artista e crítico de arte, com cargos de responsabilidade em Belas-Artes, fez um estudo, ainda que superficial, sobre os azulejos da Igreja do Terço, colocando-os no número das boas obras de arte do País: diz ainda que são da autoria dum célebre artista português, cujo nome não nos foi possível fixar. Não tive oportunidade de obter um opúsculo que escreveu sobre o assunto, e nem sei se estará esgotado.

É-nos imensamente grato a todos os barcelenses saber que técnicos nossos se debruçam sobre os valores desta nossa igreja com o seu carinho de artistas.

Para concluir: Temos de pensar a sério em defender, e bem conservar, os valores delicados e mimosos dum tesouro barcelense, que, no coração da cidade, a Barcelos está inteiramente confiado.

Em princípio, com aprovação superior, já existe o plano de criarmos uma COMISSÃO DE OBRAS que possa lançar-se no campo da acção, contando com a boa vontade e ajuda de todos os barcelenses, das entidades superiores, de todos nós portugueses.

P. A.

O Barcelense Desportivo

Comentário da Semana

COM PRATA DA CASA PODEMOS IR LONGE! — Foi esta a opinião de quase todos os desportistas barcelenses que assistiram ao desafio de futebol disputado no passado domingo entre o Gil Vicente e o Vianense. Não haja dúvida de que possuimos dentro do Gil Vicente rapazes com muita habilidade para a prática do futebol. Com a prata da casa poderemos formar uma equipa que leve o Gil Vicente, ao lugar a que, pelas suas tradições tem direito, e a que os desportistas barcelenses há tanto tempo aspiram. Não é necessário recrutar jogadores já feitos de outros clubes, portugueses ou estrangeiros. O que é necessário é contratar um técnico capaz de os ensinar e preparar convenientemente para sairmos desta apatia.

Opinião quase unânime que durante a semana se tem ouvido aos adeptos gilistas, acerca do Gil Vicente, que desde o início da época tem apresentado as mais variadas formações (guarda-redes e defesas a jogar na avançada; avançados e médios a defesas, etc.), e que desta vez, apresentou uma equipa quase toda jovem, que durante o encontro se entregou à luta com a vontade firme de vencer, disputando todos os lances com energia e velocidade, enchendo o campo com a sua exuberante pujança física, conquistando uma vitória que os desportistas barcelenses receberam com alegria, chegando o seu entusiasmo ao ponto de invadirem o campo para abraçarem os jovens jogadores gilistas.

Gil Vicente, 3 Vianense, 2

Jogo realizado no Campo Adelino Ribeiro Novo. Árbitro: Fernando Faria, Porto.

Gil Vicente — Alfredo; Ferraz, Cibrão, Torres e Lopes; Machado, Sousa e Marinho; Luis, Mesquita e Raúl.

Vianense — Desidério; Ramos, Gerardo, Pimenta e Domingos; Valdeimar, Cerdeira e Matos (ex-Gil-Vicente); Pereira, Cunha e Alcindo.

Ao intervalo 1-1. Marcadores: Sousa, 14 m; Alcindo, 44 m; Pereira, 50 m; Raúl, 60 m e Marinho, 85 m.

Ao Campo Adelino Ribeiro Novo ocorreu no passado domingo a maior assistência da época, salientando-se, a enorme falange de vianenses que se deslocaram a Barcelos na intenção de apolar o seu clube, que, pelos excelentes resultados obtidos nos jogos realizados em Santo Tirso e em Vizela tinha grandes aspirações em candidatar-se ao 1.º lugar da classificação final desta zona. Assim aplaudiram o seu clube durante o decorrer do jogo e manifestaram a sua alegria, mórmente, quando se colocaram em vencedores com o golo obtido por Pereira ao 5 minutos da 2.ª parte.

O Gil Vicente, que nada tinha a perder, tomou logo de início o comando do jogo e lançando-se deliberadamente ao ataque, com energia e velocidade, obrigou o Vianense a um sistema defensivo para acautelar o resultado, concedendo mesmo assim, aos 5 e aos 8 minutos dois cantos, que marcados, não resultaram. Pouco depois, Raúl teve um potente remate que Desidério bem colocado defendeu. Os avançados gilistas, bem auxiliados por Marinho e Machado, continuaram a assediar a extrema defesa vianense e depois de magnífico trabalho de Mesquita, Sousa em toque subtil obteve o 1.º golo com culpas para Desidério.

O Vianense procurou então sacudir a pressão dos jogadores gilistas, e coube a Alcindo fazer o empate, interceptando um passe infeliz de Torres ao guarda-redes local, ao atingirmos o final da 1.ª parte.

Na 2.ª parte esta toada não se modificou, e um passe longo, aparentemente inofensivo, por indecisão da defesa local e ainda com a saída precipitada da guarda-redes que hesitou em defender a pontapé ou em agarrar a bola, esta ficou em poder de Pereira, que isolado e com a baliza desguarnecida não teve dificuldade em fazer o 2.º golo, colocando o seu clube em vencedor. A turma gilista perturbada por momentos com

o resultado, ripostou com energia por intermédio de Marinho, que bem auxiliado por Machado, com Mesquita, Sousa e Raúl a dominarem bem a bola, novamente obrigaram a defesa vianense a trabalho exaustivo. Desta insistência os golos teriam de aparecer e assim Raúl obteve o 2.º golo aos 60 minutos, e Mesquita que na linha avançada continua a ser um magnífico executante, teve um potente e perigoso remate, a que Desidério correspondeu com excelente defesa enviando a bola para canto. Foi deste canto marcado, em que a bola rondou a baliza dos visitantes, que Marinho numa insistência de cabeça, fez o 3.º golo, que fixou o resultado, e veio premiar o esforço que este jogador dispendeu durante todo o encontro.

O jogo, embora não existissem primeiros técnicos, foi seguido com interesse até final, quer pela evolução do marcador, como pela correcção de ambas as equipas, que facilitaram o trabalho do árbitro Sr. Fernando Faria, que pecou em apitar demais, beneficiando por vezes o infractor.

JOGOS PARA AMANHÃ:

Vianense-Tirsense
Avintes-Rio Ave
Vizela-Gil Vicente

M. F.

Tiro de Stand Torneio das Cruzes

O torneio de Tiro aos Pratos que se efectuou simultaneamente com as grandes Festas das Cruzes e cujos resultados foram publicados no último número deste Semanário, tinha por fim angariar fundos para auxiliar a conclusão das obras da nova igreja de Chorente.

Podemos anunciar a todos os nossos bons amigos e cooperadores que, apesar de ter dado muito pouco lucro, felizmente não deu prejuízo, atingindo-se, assim, o objectivo número um: ao menos não dar prejuízo... Contribuíram para isso todos os senhores atiradores, que se inscreveram nas provas, e todas as firmas comerciais, industriais ou particulares que generosamente quiseram concorrer para a aquisição dos prémios, referidos para cada uma das provas. Publicamos a seguir, o nome dessas firmas que, de entre as três centenas que foram solicitadas por circulares apropriadas e às quais se enviou, inclusa, a resposta paga, atenderam generosamente o apelo que lhes foi dirigido. Seguimos a ordem por que foram recebidos os donativos solicitados e damos a cada oferta um valor por nós calculado que, certamente em bastantes casos poderá não estar certo, embora seja aproximado. Eis a lista: Casa Tomás, José de Araújo e Comp.ª, 50\$00; Casa Meira, 20\$00; Drogaria Tavares, 50\$00; Correia e Lourenço, Ld.ª, diversos artigos de sua especialidade (50\$00); Ourivesaria Ferreira da Silva, 200\$00; Casa Coelho Gonçalves, uma garrafa «Termos» para sólidos (85\$00); Café Sport, 20\$00; Augusto Figueiredo e Silva, 100\$00; Correia e Cardoso, 100\$00; Merceria Central de Barcelos, 100\$00; Confeitaria Salvação, uma garrafa «vinho da Madeira» (50\$00); Casa Raul Ferreira Veloso, uma cartucheira (70\$00); João Braga (Móveis), 10\$00; Pensão Arantes, uma garrafa de Brandy (35\$00); Gonçalves e Elísio, Ld.ª, um pneu de bicicleta (70\$00); Eduardo da Costa Pinto Rosa, 1 plover (80\$00); Ribeiro e Reis, Ld.ª 100\$00; Manuel José Gomes de Oliveira, Chorente, 100\$00; Herculano Machado Ribeiro, Carvalhas, 50\$00; Vilas Boas e Irmão, um corte de calça (150\$00); Drogaria Pinto Rosa, uma caixa de sabonetes (50\$00); Manuel Rodrigues Pereira, Barcelinhos, 85\$00; Daniel da Costa Oliveira Carvalho, 100\$00; Casa Rajá, uma camisa (60\$00); Manuel Pereira Barbosa, Barcelinhos, 2 taças (25\$0); Joaquim José Gomes, Alvelos 200\$; Joaquim da Costa Campinho, Chorente, 100\$00; João Luís Ferreira (Padaria), 50\$00; D. Maria Laura

PELO CONCELHO

AIR-Ó

Fontenários — É com grande satisfação que o povo do lugar do «Glesta» já colhe a água no seu novo fontenário. Pena é que o do lugar do Cruzeiro fosse projectado ser o primeiro e ainda não sabemos quando será construído. Ainda bem que está o tubo já enterrado na vala — mas os pedreiros ainda cá não chegaram; motivo esse que não conhecemos. Digo isto porque tinha prometido dar aqui informes nesta secção de «Pelo Concelho».

Aniversários — No passado dia 8 do corrente teve o seu lar em festa o Sr. Manuel Ferreira de Oliveira, proprietário desta freguesia e assinante de «O Barcelense», pelo seu 51.º aniversário natalício.

Também no dia 12 do corrente mês completou o seu 73.º aniversário natalício o Sr. António Joaquim de Oliveira, homem estimado desta freguesia.

No dia 15, completou 42 anos de existência o correspondente deste jornal em Air-Ó. Por isso mesmo vem felicitar a todos os que fazem anos neste florido mês.

Para a Alemanha — Partiu novamente, depois de pouco tempo de casado, o Sr. Tomás Faria Lopes.

O correspondente, de quem ele se despediu, deseja-lhe felicidade e feliz estadia.

Falecimento — Na residência de seu filho Domingos Pereira da Silva, faleceu confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja, no dia 16 deste mês, a Sr.ª Laura de Araújo.

O seu funeral efectuou-se no dia 18.

C.

Venda de Prédios

No dia 5 de Outubro próximo, no lugar de Pontegãos, freguesia de Carvalhal, serão vendidos os prédios sítos em Pereira e Carvalhal, e que foram de Narcizo Fernandes Bouças, falecido no Brasil.

Eucarregado da venda o solicitador Armindo Miranda, Barcelos.

Laurinda Vieira

PARTEIRA-ENFERMEIRA
— DIPLOMADA —

Partos, Injeções, Tratamento

Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 172

Telef. 82485 BARCELOS

Lopes dos Santos, uma garrafa de vinho fino (35\$00); A Cafezeira, uma garrafa de vinho fino (30\$00); D. Maria Augusta Lima de Carvalho (viúva do saudoso Sr. Reinaldo Carvalho), Gualal, 100\$00; Adelino Miranda Gomes (Escondidinho), 30\$00; Agências das Máquinas «Singers», 20\$00, além de consentir que fosse utilizada a montra do seu moderno estabelecimento para exposição dos prémios e ofertas; Merceria Oliveira, 50\$00; Casa Aguiar, artigos da sua especialidade (80\$00); Tipografia Lis, 23\$00 além de alguns trabalhos gratuitos; Móveis Gomes, diversos transportes gratuitos no valor aproximado de 200\$00; Café Monumental, diversos artigos (150\$00); Café Bar-Rio, Barcelinhos, três garrafas de vinho espumoso (75\$00); Armindo Silva, um candeeiro eléctrico (100\$00); Joaquim de Faria Campinho, Chorente, um garrafão de vinho; Rosalina Correia de Faria, artigos para o Bar (80\$00); D. Margarida da Silva Campinho, artigos para o Bar (60\$00); Joaquim Martins Correia, artigos para o Bar (60\$00). A todos muito e muito obrigado por toda a sua generosidade.

Tiro aos Pombos — O Torneio de tiro aos pombos que, inicialmente, havia sido anunciado para o próximo dia 22 do corrente, realizar-se-á nos dias 28 e 29, em Chorente, em virtude de o dia 22 estar ocupado com um grande torneio em Pevidém.

Em breve será tornado público o programa e o regulamento deste 1.º torneio de tiro ao voo que vai efectuar-se em benefício da Igreja de Chorente. Desde já se pode assegurar que será apenas para principiantes e com inscrição muito acessível e prémios tentadores. Os atiradores consagrados participarão em torneios a efectuar num futuro próximo e com organização mais grandiosa.

Natação

Convidam-se todos os nadadores com idade dos 10 aos 16 anos a comparecerem aos treinos que se realizam todos os dias das 18 às 20 horas, na PISCINA DE BARCELINHOS, e com vista às seguintes provas:

Em Junho — Barcelinhos-Futebol Clube do Porto — Futebol Clube do Porto-Barcelinhos; Em Julho — Barcelinhos-Clube Fluvial Portuense — Clube Fluvial Portuense-Barcelinhos; Em Agosto — Barcelinhos-Clube Real Náutico de Vigo — Clube Real Náutico de Vigo-Barcelinhos.

A Química
ao serviço da
Indústria Têxtil



Na tintura de fibras de POLIÉSTER deram óptimos resultados os

Corantes ® PALANIL

concebidos propositadamente pela BASF para este fim

A importuna electricidade estática evita-se com a aplicação duma das

marcas ® SOROMIN

recomendadas como "antiestáticos"

Informações pormenorizadas serão prestadas pelos serviços técnicos da BASF

BASF PORTUGUESA, S.A.R.L. ® - Marca registada

Um Bispo Barcelense na Obra de Gil Vicente

Tem, como se sabe, o nome de D. Diogo Pinheiro a rua que liga o Campo de São José ao Largo da Porta Nova — rua que tantas vezes colcorrei nos já recuados tempos em que fui menino e moço... Chamava-se anteriormente Rua Nova de São José. Recorda ela, agora, o nome do célebre Bispo do Funchal, filho — conforme afirma Teotónio da Fonseca na sua utilíssima obra «O Concelho de Barcelos» — do Dr. Pedro Esteves e de sua mulher D. Maria Pinheiro, do solar dos Pinheiros, desta antiquíssima Vila. Foi prior da freguesia de Pereira, comendatário de S. Simão da Junqueira, prior da Colegiada de Guimarães, Vigário da Ordem de Cristo em Tomar e homem extraordinariamente culto, tendo-se formado em Leis pela Universidade de Coimbra.

Granjeou fama de jurisconsulto emérito e serviu sempre a Casa de Bragança como seu advogado. Escolheu-o o próprio D. João II para defender o Duque de Bragança, D. Fernando, da acusação que lhe movera de conspirar contra o trono português, em entendimento com o Rei de Castela. Defendeu-o enérgicamente D. Diogo Pinheiro, que chegou a publicar um manifesto em que demonstrava, com abundância de argumentos jurídicos, a inocência do Duque. Mas bem sabia ele que era ineficaz e inútil a sua desenvolvida argumentação, porquanto compreendia que o seu constituinte estava já irremediavelmente condenado no ânimo de D. João II. Ressalvem-se, porém, a coragem e o desassombro com que pleiteou a causa, muito embora sabendo que poderia incorrer no desagradado do Soberano. Valeu-lhe, certamente, o ter sido escolhido por ele para defensor do nobre acusado.

Não o esqueceu o novo monarca D. Manuel I, que o fez nomear primeiro Bispo do Funchal em 1514, ano em que foi criada tal diocese por bula concedida pelo Papa Leão X. Nunca foi D. Diogo Pinheiro à sua diocese, exercendo constantemente no Paço Real as elevadas funções de desembargador. A sua acção e os seus conselhos de homem ilustrado e íntegro foram sempre muito desejados e apreciados, distinguindo-se, por exemplo, pela atitude que tomou aquando da perseguição aos judeus. Dois prelados se destacaram na oposição ao anti-semitismo imperante: D. Diogo Pinheiro e D. Fernando Coutinho, Bispo do Algarve, acerca dos quais escreveu Alexandre Herculano que eram «anciãos que haviam servido o seu País em cargos eminentes nos reinados de D. João II e D. Manuel e que, nos Conselhos daqueles monarcas, haviam sempre sustentado acerca dos hebreus os verdadeiros princípios de tolerância evangélica, princípios acordes com os da sã justiça».

Um poeta e um feitor de autos desempenhou, na mesma época, idêntico papel, tomando atitude semelhante à dos dois poderosos prelados: Gil Vicente. Seria por essa afinidade de pensamento e de orientação espiritual que Mestre Gil, defensor da gente hebraica e partidário de uma política tolerante, aludiu, pelo menos em dois passos da sua obra, com mostras de inegável consideração, ao prelado barcelense, figura de primeira plano na Corte. Na «Comédia de Rubena», quando Cismena dialoga com as suas lavradeiras (bordadeiras), pergunta a uma delas, de apelido Sequeira:

«Mostrai, Sequeira, o lavor
Que franzido tão real!
Será para algum senhor?»

Seq. Senhora, é penteador
para o Bispo do Funchal.»

Outras obras foram destinadas a outros grandes Senhores: ao Conde de Penela e ao embaixador de Portugal junto do Imperador Carlos V.

Quando D. João III foi levantado Rei de Portugal, Gil Vicente escreveu um breve «Romance», em verso, sobre a cerimónia efectuada. A propósito do «beija-mão» que se lhe seguiu, imaginou o que cada um dos grandes fidalgos diria, em particular, ao novo Rei: uns, doces lisonjas; outros, conselhos excelentes. Alguém manifestaria ao Monarca o desejo de que acabassem no Paço os em-

penhos, o favoritismo, as aderências, como se dizia na época, pois disso lá se fazia uso excessivo, comprometendo a boa razão e a justiça. Esse «alguém», no entender do grande comediógrafo quinhentista, só poderia ser o Bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro. E, portanto, assim escreveu:

«Diria o Bispo do Funchal:
Senhor, beijo-vo-la-mão
por cristianíssimo Romão,
Rei terceiro em Portugal
do santo nome João.
Pois conselho aqui vos dão,
o conselho que eu daria:
— que perdessem a valia
as aderências, pois são
as que dão vida ao ladrão
cada dia.»

Destes versos de Gil Vicente, que muito bem conhecia a Corte e os que a frequentavam, se deprende o conceito em que era tido o insigne prelado barcelense, em virtude da inteireza e espírito de justiça que distinguiram o seu carácter.

Miranda de Andrade

Uma notícia que honra a memória dum Barcelense

O nosso colega «Notícias», importante diário de Lourenço Marques, publicou no dia 21 de Março do corrente ano, na sua página dedicada à cidade da Beira, uma notícia com o título «Uma decisão acertada da Vereação Municipal» na qual relata com elogiosas referências o facto de ser dado o nome a uma das ruas daquela cidade, do nosso ilustre conterrâneo, Senhor Major João Nepomuceno de Brito Limpo Serra, natural da freguesia de Góios, deste concelho, e illustre e considerado descendente da nobre estirpe da illustre família Brito Limpo, das Casas da Torre de Moldes, em Remelhe; de Amins, em Chorente; dos Serras de



Góios e de tantas outras de destaque do nosso concelho, falecido na dita cidade da Beira, no dia 22 de Agosto de 1961, homenagem esta de carácter póstumo que demonstra o agradecimento da cidade da Beira, pela qual o Major Limpo Serra muito trabalhou e deu o melhor do seu esforço.

«O Barcelense», na sua qualidade de jornal Regionalista, não pode deixar de se congratular com a atitude ultimamente tomada pela Ex.ma Câmara Municipal da Cidade da Beira, da Província de Moçambique, pois ela constitui para nós um índice do apreço pelas altas qualidades conterrâneas perpetuando às gerações vindouras um nome de um barcelense que soube honrar a família a que pertence e a terra que o viu nascer.

Por tal facto que enche de orgulho os barcelenses, felicitamos sua Ex.ma Família, e muito em especial, sua irmã, a Ex.ma Sr.ª D. Maria do Carmo de Brito Limpo dos Santos, de Barcelinhos, e seus filhos, os Ex.mos Srs.: D. Maria da Conceição Brito Limpo Serra; Dr. João de Brito Limpo Serra, Professor Universitário; Rui Manuel de Brito Limpo Serra, Comandante da Marinha de Guerra; António Augusto de Brito Limpo Serra, Oficial Médico e José de Brito Limpo Serra, Arquitecto.

Onde está, ó morte, a tua vitória?

(Continuação da página 1)

— desprezando em vida honrarias que uma grande fortuna poderia proporcionar-lhe, legando-a aos pobres do maior concelho agrícola do país — reservou-se para além da morte! Dedicou particular carinho ao Asilo dos Velhos e não chegou a ser velho...

Era bem novo, na pujança da vida, quando ninguém pensa na morte — recordou ele aqueles braços robustos que guiavam o arado, fertilizando a terra dura, mas haveriam de envelhecer cansados, sem outra condição que não fosse uma cama de hospital... Pois se nem abono dos filhos, nem subsídios na doença, nem na invalidez, nem na velhice...

Quem lhes valeria, a não ser um manto de Misericórdia, aberto aos que sofrem e aos que envelhecem na solidão?

Horácio Barroso pensou nesses — nos pobres, nos doentes e nos velhos. Uma gratidão e uma ternura imensas, por esta terra e por esta humilde gente, podem adivinhar-se das suas últimas vontades.

Amor com amor se paga. E Barcelos vai ser grata ao Homem que, ignoradamente, passava nas suas ruas, olhando com simpatia e mágoa as pedras envelhecidas do velho Hospital, onde jaziam os deserdados que lhe ajudaram a gozar as cálidas tardes de verão...

No próximo dia 24, pelas 10 horas da manhã, Solenes Exéquias por sua alma vão ser celebradas na capela da Misericórdia. Que Barcelos saiba prestar esta derradeira homenagem a Horácio Barroso Baptista, inesperadamente um dos seus maiores benfeitores.

Estamos certos que a seu tempo outras homenagens serão prestadas ao Homem que Barcelos quase não conhecia, mas que de ora à vante ficará gravado a letras de ouro no seu coração.

E. L.

Nossa Senhora de Fátima em Barcelos

(Continuação da página 1)

Não haverá convites especiais nem para a recepção nem para a despedida. Somos todos católicos, e temos bem gravado em nosso coração o amor à Mãe de Deus. Barcelos é o concelho da Arquidiocese de Braga onde há mais Santuários ou Capelas Marianas: Franqueira, Aparecida, da Piedade, Facho, Senhora da Saúde, Portela, Socorro, Necessidades, Senhora do Alívio, Senhora da Ajuda, dos Remédios, do Pilar, Cadavosa, Esperança, Penha de França, Aguas Santas, Boa Morte, Rosário, do Parto, etc., e um grande número de freguesias, que têm como Padroeira Nossa Senhora.

A recepção e despedida não faltarão as Casas Religiosas, Colégios e Escola Técnica, com o seu corpo docente e discente, o C. N. E., Casa dos Rapazes, com a sua apreciável Banda de Música, os bombeiros da quem e além-rio, grupos desportivos, Mocidade, Legião, etc. etc.

Há na sede do Arciprestado (Circulo Católico de Barcelos), o Roteiro que explica tudo e que custa apenas 2\$50, e um pequenino opúsculo, que é uma síntese da Mensagem de Fátima e que custa \$50. Toda a gente deve adquirir esses livrinhos. Sem isso dificilmente poderemos acompanhar as cerimónias, sobretudo na despedida. A quinta-feira podem ser procurados aí esses livros.

Segue agora indicado o dia das visitas à Igreja Matriz de Barcelos.

Dia 6 de Junho: Abade do Neiva, Vila Boa, Felto, Vilar do Monte, Silva e Lijó.

Dia 7 de Junho: Aldreu, Fragoso, Palme e Tregosa.

Dia 8 de Junho: Areias de Vilar, Encourados, Gamil, Martim, Pousa e Santa Eugénia.

Dia 10 de Junho: Chavão, Grimançelos, Minhotães e Viatodos.

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

Saber que se adquire em teorias escolares e em práticas experimentais que conduzam a mais ampla valorização humana a dentro da mais perfeita e completa formação profissional, técnica.

Há que reformar o nosso ensino, orientando-o para melhor adaptação ao trabalho.

Não está certo que a parte científica da cultura do português médio seja inferior à correspondente parte histórico-literária.

Não está certo que se promova o desenvolvimento, em grande número, dos ramos de actividade reservadas à alta intelectualidade, como Belas-Letras e Belas-Artes, que, sem dúvida, são necessárias, e sempre terão cultores em número bastante.

Não está certo que se multiplique o número de Arqueólogos e Numismatas; Poetas e Prosadores de ficção; Actores e Cantores de Yé-Yé; Filatelistas e Fotógrafos de Arte; Etnógrafos e Folcloristas; Filósofos e Cinéfilos que tendem a passar do campo do passatempo amadorista para o do semi-profissionalismo, e deste para o do profissionalismo, enquanto tarefas e funções, economicamente mais necessárias e úteis, vêm diminuídas as suas fileiras: há menos Agrónomos e Agricultores; há menos Veterinários e Pastores; há menos Engenheiros e Operários especializados.

Em suma: há menos produtores de riqueza em troca duma cultura que se me afigura fútil e insignificante, senão inútil, de devaneio de curiosidades e coleccionismo.

Que se passa?

Porque é que nos aparece tanto pessoal sem qualidades para triunfar nestes campos de actividades económicas, mais compensadoras?

Por falta de preparação técnica e de equipamento mental, escolar ou oficial.

É mais fácil emitir opiniões acerca dum objecto do período da pedra lascada, ou passar duas horas a cotejar selos e a colá-los em álbuns, ou a escutar e a reproduzir as últimas canções em voga dos grandes ídolos, do que estudar para procurar compreender as leis e processos que regem as estruturas do mundo económico, ou procurar compreender o funcionamento e melhor utilização das máquinas de rendimento económico, ou o seu aperfeiçoamento.

Há que orientar o ensino de modo a que, tornando-se acessível a todos, sem privilégio de casta e classe, fortuna ou cor de pele, religião ou qualquer outro motivo, dê a cada um, segundo as suas diferentes capacidades intelectuais e físicas, novos conteúdos que satisfaçam as exigências do progresso técnico, sempre dinâmico, aumentando os meios a que o estudante possa recorrer na preparação para a vida, relacionando-o, constantemente, com o meio em que vive, e com os recursos económicos da sua parcela do espaço português.

Respeitando as vocações, há que dar ao estudante português séria e larga educação técnica, ou tecnológica, de feição científica, que o torne mais útil para a grei, triunfando nesta era dinâmica e electrónica.

Esta formação profissional implica correspondente orientação pedagógica dos agentes do ensino, menos banhos mornos, emolientes, que não tonifiquem, mas fórmulas de polarização de energias espirituais e desenvolvimento da curiosidade e mentalidade científica e técnica, que a estereotipia do ensino clássico, caído em rotina, tem mantido encobertas.

Não basta, porém, a orientação do ensino no sentido de melhor adaptação ao trabalho mediante adequada formação profissional.

Há que fomentar a investigação científica.

Investigação científica, de estudos profundos e de síntese, com bases verdadeiramente psicológicas e pedagógicas, sociológicas e económicas, e não de futilidades de pormenor, em atitudes demasiadamente analíticas, românticas, líricas, preguiçosas e decadentistas.

Essa investigação científica tem de cultivar os temas metropolitanos e ultramarinos, com interesse imediato, de aproveitamento da riqueza do solo, da possibilidade da sua exploração científica e racional, da psicologia do habitante ou das suas carências alimentares, das condições de vida, das possibilidades de higienização e saneamento — e, diga-se, em abono da verdade, que muito se tem feito, mas não se pode parar — e não no estudo das tatuagens, dos penteados, das canções monocórdicas ou polifónicas...

Investigação científica, séria, que saiba enfrentar os factos, compreendê-los e deles tirar ilacções bem elaboradas. Porque — como escreveu H. Hazlitt — o mundo está cheio de pseudos economistas, que têm a cabeça cheia de esquemas, para conseguir algo em troca de nada...

A preparação técnica e a investigação científica neste rumo permitirão que se industrializem os produtos e nas melhores condições, com melhor rendimento do material e do pessoal, com a maior satisfação para todos, tanto na adaptação ao trabalho, quanto nas condições do seu exercício e na sua remuneração.

É isto é importante: a psicologia de cada português varia com a latitude, a longitude, a altitude, a temperatura, a humidade, a alimentação e as tradições do meio de que procede: não pode exigir-se a um cunhama, a um tétum de Timor ou a um landim, o mesmo que pode ser exigido a um miáhoto, um macalista, um cabinda...

Há que ter isto em conta e tentar encontrar o factor comum que possa tornar cada um o mais útil possível, a qualquer latitude, em qualquer empresa.

Tudo é organização científica do trabalho, que deve ser eficaz, contribuindo para a elevação do nível técnico, valorizando o espaço português e, com ele, a gente portuguesa, em perfeito equilíbrio dos diversos ramos que contínuam para o conjunto económico: Agricultura, Indústria, Comércio, Transportes, Banca, Crédito, Seguros, Impostos.

(Concluiu no próximo número)

ALTO-FALANTES

CASA SOUCASAU

Telefone 82345

Instalações Eléctricas em todos os géneros

Grupo Electro-Bombas

BARCELOS

Em tempo será publicado em pormenor o programa da despedida. Entretanto, quero desde já pedir a todas as paróquias, com os seus Rev.mos Párocos à frente para no dia 26 de Junho comparecer com as suas bandeiras, insígnias, etc., na Missa Campal. Barcelos irá mais uma vez cumprir.

Barcelos, 13 de Maio de 1966.

O Arcipreste,
Padre Rodrigo Alves Novais